

DESAFIOS DA ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA À SAÚDE DA MULHER DIANTE DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

CHALLENGES FOR NURSING IN PROVIDING HEALTHCARE TO WOMEN IN THE
FACE OF OBSTETRIC VIOLENCE

DESAFÍOS DE ENFERMERÍA EN LA ATENCIÓN A MUJERES ANTE LA VIOLENCIA
OBSTÉTRICA

Aryane Alves Parrião Ribeiro¹

Eleticia Gonçalves Leite²

Elis Marina do Carmo Policarpo Cirqueira³

Nayllane Cardoso Rodrigues⁴

Rafayanne Ribeiro Mendes⁵

Rannya Félix Silva Romão⁶

Raylanne Lima Belém⁷

Suellem Neves Bekinan⁸

RESUMO: Este estudo teve como objetivo analisar os desafios enfrentados pela enfermagem na assistência à saúde da mulher diante da violência obstétrica. Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, realizada em seis etapas metodológicas, com busca nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), incluindo LILACS, MEDLINE e BDENF, no período de março de 2025. Foram utilizados descritores padronizados combinados com o operador booleano AND, resultando inicialmente em 88 publicações, das quais 5 artigos compuseram a amostra final após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. Os resultados evidenciaram que a violência obstétrica ainda é uma realidade presente nos serviços de saúde, manifestando-se por meio de práticas desumanizadas, intervenções desnecessárias e desrespeito à autonomia da mulher. Identificaram-se como principais desafios enfrentados pela enfermagem a falta de autonomia profissional, a resistência institucional à mudança, a sobrecarga de trabalho e o déficit de qualificação técnica. Conclui-se que a enfermagem desempenha papel fundamental na prevenção da violência obstétrica, sendo essencial o investimento em educação permanente, fortalecimento das políticas públicas e promoção de práticas humanizadas, visando garantir uma assistência ética, segura e centrada na mulher.

Palavras-chave: Violência Obstétrica. Enfermagem. Saúde da Mulher.

¹Graduanda do curso de Enfermagem, pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

²Graduanda do curso de Enfermagem, pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

³Graduanda do curso de Enfermagem, pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

⁴Graduanda do curso de Enfermagem, pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

⁵Graduanda do curso de Enfermagem pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

⁶Graduanda do curso de Enfermagem pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

⁷Graduanda do curso de Enfermagem pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

⁸Graduanda do curso de Enfermagem pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN).

ABSTRACT: This study aimed to analyze the challenges faced by nursing in providing healthcare to women in the context of obstetric violence. This is an integrative literature review conducted in six methodological stages, with data collection carried out in March 2025 through the Virtual Health Library (VHL), including the LILACS, MEDLINE, and BDENF databases. Standardized descriptors combined with the Boolean operator AND were used, initially resulting in 88 publications, of which 5 articles composed the final sample after applying the inclusion and exclusion criteria. The results showed that obstetric violence remains a reality in healthcare services, manifesting through dehumanized practices, unnecessary interventions, and disrespect for women's autonomy. The main challenges faced by nursing include lack of professional autonomy, institutional resistance to change, work overload, and insufficient technical training. It is concluded that nursing plays a fundamental role in preventing obstetric violence, and investment in continuing education, strengthening of public policies, and promotion of humanized practices are essential to ensure ethical, safe, and woman-centered care.

Keywords: Obstetric Violence. Nursing. Women's Health.

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo analizar los desafíos que enfrenta la enfermería en la atención de la salud de la mujer frente a la violencia obstétrica. Se trata de una revisión integradora de la literatura, realizada en seis etapas metodológicas, con recolección de datos en marzo de 2025 a través de la Biblioteca Virtual en Salud (BVS), incluyendo las bases de datos LILACS, MEDLINE y BDENF. Se utilizaron descriptores estandarizados combinados con el operador booleano AND, resultando inicialmente en 88 publicaciones, de las cuales 5 artículos conformaron la muestra final tras la aplicación de los criterios de inclusión y exclusión. Los resultados evidenciaron que la violencia obstétrica sigue siendo una realidad en los servicios de salud, manifestándose mediante prácticas deshumanizadas, intervenciones innecesarias y falta de respeto a la autonomía de la mujer. Entre los principales desafíos enfrentados por la enfermería se destacan la falta de autonomía profesional, la resistencia institucional al cambio, la sobrecarga laboral y la insuficiente formación técnica. Se concluye que la enfermería desempeña un papel fundamental en la prevención de la violencia obstétrica, siendo esencial la inversión en educación continua, el fortalecimiento de las políticas públicas y la promoción de prácticas humanizadas para garantizar una atención ética, segura y centrada en la mujer.

Palabras clave: Violencia Obstétrica. Enfermería. Salud de la Mujer.

INTRODUÇÃO

A assistência à saúde da mulher no ciclo gravídico-puerperal passou por importantes transformações nas últimas décadas, principalmente em relação à humanização do parto e aos direitos reprodutivos, mas ainda apresenta práticas desrespeitosas à autonomia feminina, que comprometem a qualidade do cuidado, mesmo com o avanço das políticas públicas e diretrizes assistenciais. Nesse contexto, destaca-se a violência obstétrica, caracterizada por ocorrências que envolvem intervenções desnecessárias, atitudes desumanas, negligência e desrespeito à mulher durante o período pré-natal, parto e puerpério (SANTOS et al., 2025).

A violência obstétrica evidencia-se de várias formas, como abuso verbal, procedimentos realizados sem o consentimento, restrição da presença de acompanhante, episiotomias rotineiras e medicalização excessiva do parto. Essas práticas são enquadradas como violação dos direitos humanos e geram impacto negativo na saúde física e emocional da mulher, podendo ocasionar traumas e repercussões psicológicas (AGUIAR; FELICIANO; TANAKA, 2022).

Apesar das orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e das diretrizes determinadas pelo Ministério da Saúde, direcionadas à humanização da assistência ao parto, notam-se desafios estruturais, culturais e institucionais que ainda dificultam o fortalecimento de práticas baseadas no respeito e na integridade da mulher. Dessa forma, a enfermagem ocupa um papel fundamental, uma vez que está diretamente envolvida no cuidado contínuo durante o trabalho de parto e nascimento (ANDRADE et al., 2016).

No entanto, os profissionais da enfermagem enfrentam múltiplos desafios, como acúmulo de funções, limitações institucionais, hierarquização da equipe de saúde e necessidade de qualificação permanente, fatores que podem refletir direta ou indiretamente na ocorrência de práticas caracterizadas como violência obstétrica. Portanto, torna-se essencial compreender quais são os principais obstáculos vivenciados pela categoria e de que forma esses desafios impactam na qualidade da assistência prestada (ARAÚJO et al., 2025).

3

A importância deste estudo fundamenta-se na necessidade de fortalecer práticas assistenciais humanizadas, incentivando a segurança da mulher e contribuindo para a construção de um cuidado ético fundamentado em evidências científicas e no respeito aos direitos reprodutivos. Além disso, a análise crítica da literatura pode embasar estratégias de capacitação profissional e o aperfeiçoamento das políticas institucionais voltadas à saúde da mulher.

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi analisar os desafios enfrentados pela enfermagem na assistência à saúde da mulher diante da violência obstétrica.

MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, conduzida em seis etapas: (1) definição do tema, (2) busca em bases indexadas, (3) seleção de estudos, (4) extração e organização de dados, (5) análise crítica e (6) síntese e apresentação dos resultados (DANTAS et al., 2022).

A coleta de dados ocorreu em março de 2025, utilizando buscas avançadas na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) que engloba as bases de dados da LILACS,

MEDLINE e BDENF. Foram empregados descritores padronizados (DeCS/MeSH) combinados com o operador booleano AND para maximizar a precisão da busca. A estratégia de busca foi estruturada da seguinte forma: “violência obstétrica” AND “enfermagem” AND “saúde da mulher”, resultando inicialmente em 88 publicações na coleção completa da BVS, das quais 75 pertenciam à Coleção LILACS.

Após a aplicação dos filtros e análise criteriosa de títulos e resumos, a amostra final foi composta por 5 artigos científicos, os quais foram submetidos à análise de conteúdo para a extração e síntese dos dados apresentados nesta revisão.

Quadro 1. Estratégia de busca na base de dados.

Base de Dados	Estratégia de Busca	Quantitativo
BVS	Violência obstétrica AND Enfermagem AND Saúde da Mulher	88
TOTAL		88

Fonte: Autores da Pesquisa (2026).

Para a seleção das fontes, foram incluídos artigos publicados entre 2015 e 2025, em qualquer idioma, disponíveis gratuitamente e que abordassem o objetivo proposto. Excluíram-se estudos não alinhados ao objetivo, duplicados e fora do lapso temporal.

4

RESULTADOS

Inicialmente foram identificadas 88 evidências relevantes, publicadas entre 2015 e 2025, das quais 53 foram selecionadas para análise, após a leitura dos títulos e resumos, restaram 5 artigos, com maior número de publicações de 2016 e 2024, indicando crescente interesse no tema. Os dados desta revisão foram sistematizados em um quadro a fim de facilitar a compreensão dos achados (Quadro 2).

Quadro 2. Síntese dos estudos incluídos na Revisão Integrativa.

Autor/es(Ano)	Título	Tipo de Estudo	Principais Resultados
ARAÚJO et al., (2025).	A percepção da violência obstétrica pelos enfermeiros residentes da enfermagem obstétrica na Região Norte.	Estudo descritivo exploratório.	Observa-se que a maioria dos residentes reconhecem a violência obstétrica e sabem como reduzir as práticas violentas nos cenários em que atuam, entretanto, a falta de autonomia e a falta de aceitabilidade à mudança por parte dos profissionais se torna um obstáculo para esse combate à violência.

NASCIMENTO et al., (2022a).	Violência obstétrica: análise conceitual no contexto da enfermagem.	Análise Conceitual.	A amostra foi composta de 22 estudos. Foram evidenciados 31 antecedentes: 24 atributos para a violência física; 35, para a psicológica/emocional; 6, para a institucional; 6, para a violência sexual e 5, para a violência estrutural. No tocante aos consequentes, foram encontrados 39 elementos.
MESQUITA et al., (2024).	Parto humanizado: O papel da enfermagem na prevenção da violência obstétrica.	Revisão da Literatura.	A atuação do enfermeiro obstetra é primordial para prevenir e conter a VO no atendimento à pessoa gestante em todos os momentos do atendimento pré-natal, trabalho de parto, intraparto, pós-parto e puerpério. Entretanto, a existência de importante déficit na compreensão técnica da violência obstétrica entre esses profissionais dificulta o exercício de sua função plena e corrobora para a perpetuação do ciclo de violência.
FERREIRA et al., (2025).	Violência obstétrica no contexto do parto e nascimento.	Revisão Integrativa.	A violência obstétrica é definida como qualquer tipo de agressão ou abuso a uma mulher durante a gestação, o parto e no puerpério, muitas vezes não é apenas físico, ela também pode ser verbal ou psicológica.
NASCIMENTO et al., (2022b).	Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas de enfermagem na assistência ao parto.	Pesquisa Exploratória e Descritiva.	A análise dos dados resultou em categorias que possibilitaram discutir o enfrentamento da violência, os papéis profissionais e as ferramentas que possibilitam a execução de boas práticas no parto.

Fonte: Autoras da Pesquisa (2026).

DISCUSSÃO

Os achados desta revisão integrativa evidenciam que a violência obstétrica permanece como um problema relevante e persistente na assistência à saúde da mulher, sendo influenciada por fatores individuais, institucionais e estruturais (FERREIRA et al., 2025; NASCIMENTO et al., 2022). Trata-se de um fenômeno complexo, que se manifesta por meio de práticas desumanizadas, intervenções desnecessárias e desrespeito à autonomia feminina, comprometendo a qualidade do cuidado prestado (MESQUITA et al., 2024).

A análise dos estudos incluídos demonstra que a violência obstétrica deve ser compreendida de forma ampliada, abrangendo diferentes dimensões, como física, psicológica, institucional, sexual e estrutural (NASCIMENTO et al., 2022). Essa perspectiva permite reconhecer que o problema não se limita a condutas isoladas, mas está inserido em um contexto mais amplo, envolvendo relações de poder, organização dos serviços de saúde e aspectos culturais da assistência ao parto. Além disso, a identificação de múltiplos elementos associados ao fenômeno contribui para que os profissionais de enfermagem desenvolvam maior capacidade

de reconhecimento das situações de risco, favorecendo intervenções mais eficazes na prática clínica (NASCIMENTO et al., 2022).

Observa-se que, embora os profissionais de enfermagem apresentem conhecimento sobre a violência obstétrica e reconheçam a importância de práticas humanizadas, ainda existem dificuldades significativas na aplicação desse conhecimento no cotidiano assistencial (ARAÚJO et al., 2025). Esse cenário evidencia uma lacuna entre o saber teórico e a prática clínica, indicando que o problema não se restringe à falta de informação, mas está diretamente relacionado a fatores estruturais e institucionais.

Enquanto Araújo et al., (2025) destacam a limitação da autonomia profissional e a resistência à mudança como barreiras centrais, Mesquita et al., (2024) apontam o déficit na formação técnica como elemento determinante, sugerindo que a persistência da violência obstétrica resulta da interação entre fragilidades educacionais e organizacionais. Nesse contexto, a compreensão ampliada do fenômeno, baseada em múltiplas dimensões, reforça a necessidade de uma abordagem mais crítica e sistematizada na atuação da enfermagem (NASCIMENTO et al., 2022).

Além disso, destaca-se que lacunas na formação e na qualificação técnica contribuem para a reprodução de práticas inadequadas, mesmo diante do reconhecimento teórico da problemática (MESQUITA et al., 2024). Nesse sentido, a necessidade de aprofundamento conceitual sobre a violência obstétrica mostra-se essencial, pois possibilita maior compreensão dos seus determinantes e consequências, favorecendo uma atuação mais crítica, reflexiva e baseada em evidências (NASCIMENTO et al., 2022).

Os estudos também evidenciam que a violência obstétrica pode se manifestar de diferentes formas, incluindo abusos físicos, verbais e psicológicos, o que reforça seu caráter multifacetado (FERREIRA et al., 2025). Tais práticas impactam negativamente a experiência da mulher durante o ciclo gravídico-puerperal, podendo gerar consequências físicas e emocionais duradouras. Dessa forma, torna-se fundamental que os profissionais estejam preparados para identificar essas manifestações e atuar de maneira preventiva (NASCIMENTO et al., 2022).

Outro ponto relevante refere-se à influência da cultura medicalizada do parto e da hierarquização das equipes de saúde, que dificultam a implementação de práticas centradas na mulher (NASCIMENTO et al., 2022; ARAÚJO et al., 2025). Essas características evidenciam que a violência obstétrica também está relacionada à estrutura e à organização dos serviços,

exigindo mudanças institucionais que favoreçam a humanização da assistência e a valorização da autonomia profissional da enfermagem.

Adicionalmente, estratégias como a educação em saúde, a comunicação eficaz e o fortalecimento do vínculo entre profissionais e parturientes são apontados como fundamentais para a promoção de boas práticas assistenciais (NASCIMENTO et al., 2022). A educação permanente surge como um elemento central nesse processo, contribuindo para o desenvolvimento de competências e para a transformação das práticas no contexto do cuidado obstétrico (MESQUITA et al., 2024).

Dessa forma, os resultados desta revisão indicam que o enfrentamento da violência obstétrica exige mais do que intervenções pontuais, demandando mudanças estruturais na organização dos serviços de saúde e na formação dos profissionais (FERREIRA et al., 2025). A persistência desse fenômeno evidencia fragilidades não apenas na prática assistencial, mas também nos modelos de atenção adotados, ainda fortemente marcados pela medicalização e pela hierarquização das relações de trabalho (NASCIMENTO et al., 2022; ARAÚJO et al., 2025).

Nesse sentido, o fortalecimento da enfermagem como agente protagonista, aliado à incorporação de práticas baseadas em evidências e centradas na mulher, mostra-se essencial para a transformação desse cenário. Assim, a superação da violência obstétrica depende de uma mudança paradigmática que articule conhecimento científico, autonomia profissional e compromisso ético com os direitos das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a enfermagem desempenha papel fundamental na prevenção da violência obstétrica, especialmente por meio da promoção de práticas humanizadas, do acolhimento e da educação em saúde. No entanto, sua atuação ainda é limitada por barreiras como falta de autonomia, sobrecarga de trabalho e necessidade de qualificação contínua.

Como ponto forte, destaca-se a utilização de uma metodologia sistematizada, baseada na revisão integrativa, que permitiu reunir e analisar diferentes evidências científicas sobre o tema. Por outro lado, as limitações relacionadas ao número reduzido de estudos e à restrição das bases de dados devem ser consideradas na interpretação dos resultados.

Dessa forma, recomenda-se o fortalecimento de políticas públicas voltadas à humanização da assistência obstétrica, investimentos na capacitação dos profissionais de saúde e incentivo à educação permanente. Além disso, sugere-se a realização de novos estudos que

aprofundem a temática, especialmente com enfoque na experiência das mulheres e na avaliação de estratégias eficazes para a redução da violência obstétrica.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Cláudia de Azevedo; FELICIANO, Roselane Gonçalves; TANAKA, Ana Cristina d'Andretta. Near-miss materno e violência obstétrica: uma relação possível? **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 38, p. e22208, 2022.

ANDRADE, Priscyla de Oliveira Nascimento et al. Fatores associados à violência obstétrica na assistência ao parto vaginal em uma maternidade de alta complexidade em Recife, Pernambuco. **Revista brasileira de saúde materno infantil**, v. 16, p. 29-37, 2016.

ARAÚJO, Elizabeth Pinheiro et al. A percepção da violência obstétrica pelos enfermeiros residentes da enfermagem obstétrica na região norte. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 99, edição especial, 2025.

ARAÚJO, Kelly Maria Rocha Milhomem et al. A importância da assistência de enfermagem na prevenção da violência obstétrica e na proteção ao recém-nascido. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 4, p. 3543-3553, 2025.

DANTAS, Hallana Laisa de Lima et al. Como elaborar uma revisão integrativa: sistematização do método científico. **Revista Científica de Enfermagem**, v. 12, n. 37, p. 334-345, 2022.

FERREIRA, Brisa Emanuelle Silva et al. Violência obstétrica no contexto do parto e nascimento. **Nursing (Ed. bras., Impr.)**, v. 29, n. 323, p. 10768-10787, jun. 2025.

MESQUITA, Elizabeth de Paula et al. Parto humanizado: o papel da enfermagem na prevenção da violência obstétrica. **Nursing (Ed. bras., Impr.)**, v. 28, n. 315, p. 9411-9415, set. 2024.

NASCIMENTO, David Ederson Moreira do et al. Vivências sobre violência obstétrica: boas práticas de enfermagem na assistência ao parto. **Nursing (Ed. bras., Impr.)**, v. 25, n. 291, p. 8242-8253, ago. 2022b.

NASCIMENTO, Gabriele Santos do et al. Obstetric violence: a conceptual analysis in the nursing context. **Aquichan**, v. 22, n. 4, e2248, 2022a.

PAGE, Matthew J. et al. A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. **Revista panamericana de salud publica**, v. 46, p. e112, 2023.

SANTOS, Paulo Henrique Soles dos et al. Cuidado integral à mulher e ao neonato: práticas, direitos e humanização da assistência. **Revista DCS**, v. 22, n. 83, p. e3549-e3549, 2025.